



Leopoldina da Costa Fernandes — Gentil menina bracarense

(Phot. Pelleza — Braga)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$ 400.

Semestre, 1\$ 200 Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o impôrte das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$ 000.

Numero avulso, 60 reis

# Colégio de Ermezinde



O Colégio de Ermezinde, magnificamente instalado no antigo Convento da Formiga, oferece aos seus alunos, a par dum ar sadio e privilegiado, uma alimentação primorosa, igual para directores professores e alunos com uma educação esmerada é uma inteligente e metódica instrução.

Obras importantes e quasi suntuosas fez a actual Direcção na antiga casa, realizando um ideal de *Colégio Jardim* que é o tipo dos colégios do futuro.

O pessoal docente é duma competência provada e bem integrado já nos nossos métodos de educação.

O Colégio de Ermezinde é uma adopção ao nosso meio social da «Ecole des Roches», sendo *um verdadeiro e real prolongamento da vida de família*.

Os resultados colhidos têm sido dos mais lisonjeiros tanto na educação como na instrução.

Apezar de tudo isto, é muito módica a unidade. Apenas 140\$000!

Como colégio de campo não haverá outro igual no paiz.

Mandam-se prospectos ilustrados a todas as Ex.<sup>mas</sup> Famílias que as requisitarem.

Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos.

Abrange, no seu regimem literário, o curso primário, secundário até ao 5.º ano dos liceus inclusivé e comercial,

Reabre no dia 11 de Outubro.

Pedidos de admissão á

DIRECÇÃO DO COLEGIO DE ERMEZINDE

{ Padre Manuel Moreira da Silva Pon  
Dr. Gaspar A. Brito da Silva  
Dr. A. de Castro Meireles  
Manuel Moreira Reimões



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 16 de outubro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 120—Anno III



Uma fabrica ingleza de granadas, na qual as senhoras substituem o pessoal masculino

# Chronica da Semana



## CARICATURAS

**A**PPARECEU nos jornaes a costaneira dos Machados para servir de auréola ao novo presidente da Republica, Dr. Bernardino Machado. Como ao snr. Arriaga outro tanto aconteceu (o ex-presidente entroncario, em mui remota estirpe, n'um mysterioso ramo das Asturias, salvo erro) o recém-eleito para o mesmo cargo não lhe quiz ficar devedor em suppostos pergaminhos e fez dizer pelos seus biographos que descendia de Egas Moniz — nem mais nem menos!

Toda a gente, sobretudo aquella que não esqueceu a vida do concelho de Famalicão de ha seus vinte annos para cá, se riu do espalhafato nobiliarchico estadeado nas gazêtas; e as pessoas que ignoram aquella vida, essas por certo lastimaram que, em honra democratica, o novo presidente não escolhesse para patrono illustre da estirpe o Fernão Vasques que chamou barregã á rainha adúltera.

Curiosa é porém, esta obsessão caricata de forjar á ultima hora uma nobreza republicana, com materiaes alheios. só para fazer crêr ao Zépovalho que nem em nobrezas levou o regimen extincto (oh!! para sempre!...) as lampas, ao que fruimos.

A proseguir, esta mania vae crear no paiz e no seculo XX uma especie zoologica muito mais interessante á charge e á zombetaria do que a dos barões com que depois de 34 alguns quizeram supprir a seu tempo a falta de frades e o deficit do thesouro...

Então, sim: poderemos entoar o fim da nobreza em Portugal. Já hoje ella não abunda em exemplares de folha limpa e alma austera.

mas então, sobre a avalanche dos dons e donas de fresca data, se apagarão os ultimos rebentos! E verdade, verdade... Que muito que os senhores feudaes da democracia, com servos mais que humildes, com um poder de facto mais que forte, absoluto, se empenachem e emprõem, fazendo-se proclamar nobres ou fidalgos?

Ah! leitor amigo, já t'o disse. Se não morremos de fartança de felicidade, nem de uma bomba que nos leve para onde viemos, á certa que morremos n'um delirio de risota. D'aqui a pouco, isto está a pedir musica de Cyriaco!

Porque ha impossiveis, e um d'elles é precisamente. concretamente a constituição de uma fidalguia republicana

melhor, d'uma fidalguia democratica. Não se trata já de uma incompatibilidade fundamental entre as ideias aristocratica e democratica. N'um systema [de vida social em] que a facilidade é a grande norma e que derogou o escrupulo por obsoleto, aquella incompatibilidade seria obstaculo transponivel em poucas horas para os jockeis famosos da republica.

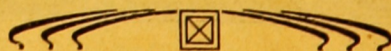
Não, não se trata d'isso, mas da pura e simples e vulgar... [falta de gente. A 3.ª republica franceza, a republica mais aristocratica do mundo, não topou esta dificuldade, e é facil encontrar nos boletins elegantes da vida official parisiense, titulos illustres — havendo para tapar as falhas, os commendadores... da legião de honra.

Aqui, não. Aqui é tudo de uma pobreza franciscana (perdõe o patriarcha de Assis!) Aqui não é possivel uma representação nobiliarchica republicana. Por esta razão bastante e concludente: a velha nobreza esfarelou-se durante os oitenta annos do constitucionalismo; e d'esta sorte, a republica, não podendo atrahir á pancada para si os restos, sem duvida respeitaveis, das boas casas portuguezas, que por lei levam uma triste vida de saudade e isolamento, com dobrado infortunio a conturbal-as, apenas lograria chamar ás recepções de Belem os titulares, barões, condes e viscondes, que apontam para a burra quando alguem quer pesquisar-lhes a estirpe. Mas, nem estes. O capital divorciou-se, e depois... como os falsos fingem tanto quanto podem de verdadeiros, os titulares por estipendio da mercê não querem arredar da linha que os nobres de sangue, os de verdade, se tracejaram.

Assim, que appareça amanhã qualquer urbano a assignar-se de Rodrigues, e cahir-lhe-ha em cima tanta chufa (além dos coriscos dos do 5 d'outubro!) que o homem terá de entrar para uma loja ou chamar o reforço da policia, a fim de escapar á morte pela troça.

As coisas são o que são... dizia o Fontes, democracia portugueza é democracia portugueza, sem mistura, tal como, para castigo, nos foi dada por Deus. Não tente sequer o sr. Bernardino Machado formar casa civil e militar. E' o demonio! Ainda que as pague do seu bolso! Um bello dia, s. exc.ª pôde commetter uma gaffe, por querer conciliar o sr. Camacho com o sr. Affonso Costa, e corre o risco de a casa civica o metter na Penitenciaria por traidor, se antes d'isso a caza militar não lhe entrar de madrugada e de roldão pelo quarto dentro, a entregar-lhe as espadas... desfemidas!

F. V.



# RAMALHO ORTIGÃO

## A SUA OBRA



NO

NO

**E**STÃO de luto as letras patrias. Morreu Ramalho Ortigão. O raio prostrou o *roble* que nós suppozemos sempre incapaz de ser prostrado.

Foi-se o ultimo burilador da lingua portugueza, no que ella tem de mais sonoro, de mais vibrante e de mais apaixonado. A sua penna tinha o aspecto d'uma clava que era empunhada por um punho de gigante.

Não foi o seculo em que vivemos nem a 2.<sup>a</sup> metade do seculo XIX fecunda em prosadores. Poetas tivemo-los e temo-los ainda hoje. João de Deus, Soares de Passos, Anthero, João de Lemos, Thomaz Ribeiro para não fallar nos vivos. Mas prosadores? Onde estão elles? Pigneiro Chagas, Eça, Camillo, Fialho, e Rama-

gem, Fialho d'Almeida e Ramalho Ortigão foram os ultimos a desaparecer.

Semelhantes em tudo, no seu feitio de demolidores iconoclastas nos tempos em que as illusões eram muitas, nem mesmo deixaram de o ser nos ultimos annos da sua vida, vivendo isolados no desterro a que se haviam condemnado, visitados apenas por alguns discipulos dos mais leaes, e aproximando-se á hora da morte, que bemdiziam, perante o mesmo Deus de paz e perdão. Fialho nos *Gatos* e Ramalho nas *Farpas*, com o seu feitio duro e caustico, demolidores terriveis, destruindo com o camar-tello os ridiculos d'uma sociedade moribunda, foram os auxiliares da obra revolucionaria em Portugal. E os seus nomes eram exalçados em



VIDA COLONIAL.

Moçambique.—Gentio de Vócaro em S. Pedro de Luzio

lho Ortigão: depois d'elles nenhum mais brilha. Todos lá vão já, desilludidos de tantos ideiaes acalentados, abençoando talvez a morte libertadora que os não deixou presenciar factos dolorosos cujos tristes signaes se vão desenvolvendo no negrume do horisonte.

Os dois mais parecidos pelo temperamento impulsivo, pelo vigor indomavel com que manejavam a penna, deixando vincada a sua passa-

NO

NO

vergonhas! — a transcreveram além do *Diario Illustrado* e do *Portugal* os jornaes franquistas e nacionalistas. Era a *déblacle* final. E Ramalho presentiu-o. Recolheu á sua Thebaida, como um eremita, e esperou... O quê?

A morte, talvez. Fialho foi mais infeliz. Lá no Alemtejo morreu só. Ramalho encontrou-se todo nas alegrias suaves da familia.

Foi ao Brazil; acarinhou os netos que lhe



beijam os cabellos brancos, presenciou a felicidade d'uma sua neta, uma das senhoras mais gentis do Rio de Janeiro, que casou com um dos filhos do conde de Sabugosa; e depois de ter respirado a plenos haustos o ar do exilio, voltou a Portugal.

Desde então só reaparece em publico com um artigo dos mais eloquentes e sentidos que saíram da sua penna, sobre el-rei D. Carlos. Publicava-o o *Jornal do Porto*, no anniversario do regicidio.

Mas Ramalho não foi só o prosador inconfundivel e inimitavel das *Farpas*. Foi alguma coisa mais. Como Pinheiro Chagas, romancista, dramaturgo, orador, jornalista, o talento de Ramalho era malleavel. Foi tambem romancista.

Um dia o *Diario de Noticias* publicou em folhetim — o *Mysterio da Serra de Cintra*. O publico apaixonou-se pelo mysterio; foi uma correria enorme para o jornal. Ao outro dia o jornal continuava o «Mysterio». Eram Eça e Ramalho que, de mãos dadas, publicavam um dos mais allrahetes e esplendidos romances que tem apparecido. Como paysagista, escreveu a *Hollanda*, um primor de descripção e densa maravilha de fórma. Artista, comum espirito impressionavel e cultissimo, escrevera *O culto da arte em Portugal* um dos principaes repositórios da arte e archeologia portuguezas. Foi tambem collaborador de diversos jornaes, sobretudo brazileiros, onde o seu nome consagrado se tinha imposto.

A sua morte foi o digno fim de tão gigantesco vulto. Depois de receber os sacramentos, morreu em paz, como um verdadeiro catholico, dando a todos um exemplo eloquente da convicção e fé profunda. Que descance em paz a sua alma, enquanto nós, os que em vida o amamos e admiramos as multiplas facetas da seu talento, a mascula energia do seu character, e a limpidez da sua alma diamantina, pranteamos a memoria sempre chorada do Mestre cujo alto espirito foi encontrar-se com o do rei que elle exalçou na sua prosa mascula e sentida.

PETRONIO.



O caminho, que conduz á virtude, parece ao primeiro aspecto rude, escarpado e difficil; mas quem n'elle chega a entrar com animo firme de o seguir, acha-o plano, doce, facil, e muito mais agradavel que o que conduz ao vicio.

## O exercito allemão

∞∞

O *Berner Tageblatt*, de Berne, diz o seguinte: «Nas ultimas semanas fizeram-se estatísticas officiaes em Berlim sobre o numero das tropas de reserva.

O effectivo do exercito activo na Allemanha é de 800:000 homens, incluindo officiaes e sargentos.

Durante muitas décadas não se chamaram ao serviço uns 150:000 homens aptos para o serviço, por não serem necessarios. Assim se explica que a Allemanha não possa dispor de menos que 2:000.000 de voluntarios, todos aptos para o serviço militar, que não foram alistados por se haver completado já o contingente fixo do exercito activo em tempo de paz.

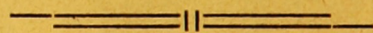
Hoje a Allemanha tem quatro milhões e meio de homens em armas. A noticia propalada pela Inglaterra de que foram alistados muitos soldados de 50 até 60 annos não é certa.

Trata-se d'um numero insignificante de voluntarios d'esta idade.

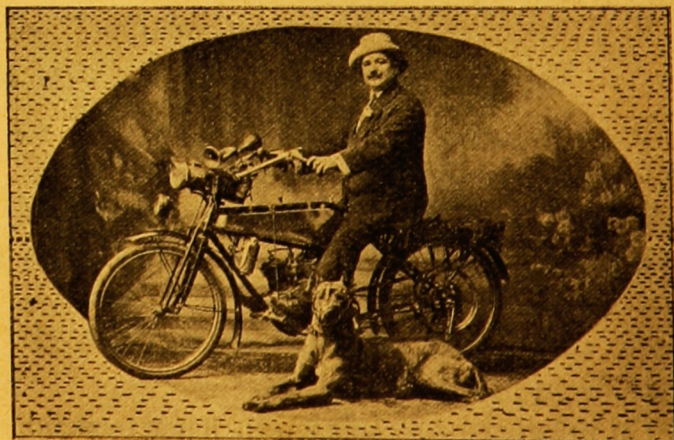
A imprensa allemã apontou alguns casos de voluntarios de 45 annos de idade, e o numero d'estes valentes voluntarios não passa de 5:000.

Nas ultimas semanas, as averiguações deram por resultado que a Allemanha pôde dispor de seis milhões de homens aptos para o serviço, de 18 a 45 annos.

R. C.



Nas guerras de opiniões e nas guerras politicas, cada um, parecendo-lhe vêr a virtude do seu lado e o crime no campo inimigo, reputa todos os meios legitimos para chegar aos seus fins, e infringe sem escrupulo todos os principios da justiça, e todas as regras de moral.



O Ex.<sup>mo</sup> Snr. Manuel Pinto, distincto «sportman» na sua moto «Wandeer»

# Festas a Nossa Senhora da Ajuda em Espinho

Realizou-se com o costumado brilhantismo e grande devoção de fieis a tradicional festa a Nossa Senhora da Ajuda em Espinho.

A esta característica festa concorre sempre, e este anno igualmente foi concor-



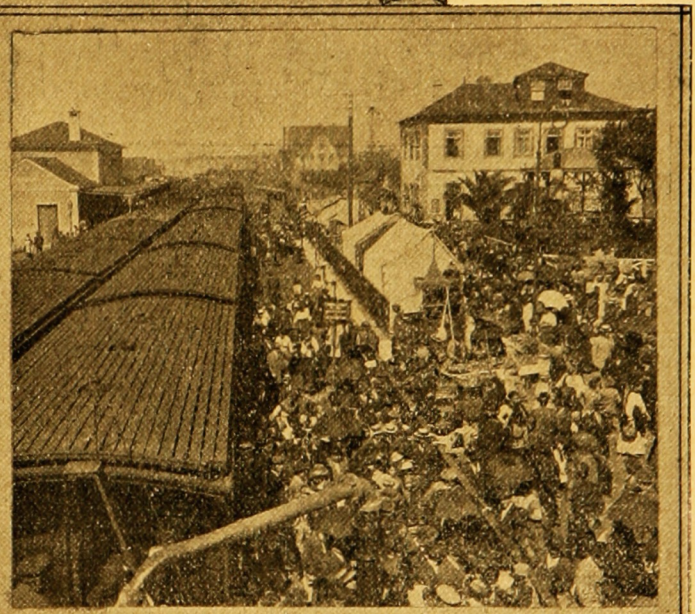
nhora, e da multidão que a ella assistiu.

N'ellas se vê:

1.º—O pallio sob o qual era conduzido o Santo Lenho:

2.º—O andor de Nossa Senhora, e no primeiro plano uma figura da procissão.

3.º—A chegada de um comboio, que trazia muitos forasteiros.



ridissima, grande multidão de forasteiros que admiram conjuctamente com os esplendores da festa religiosa, os encantos da amenissima praia.

As nossas photographias dão uma ideia das festas de Nossa Se-



4.º—O andor de S. Sebastião com um aspecto da procissão.

Quem é liberal com os pobres nãoconhecerá a indigencia; e quem despreza as súplicas dos infelizes, junta um thesouro de cólera.

Introduzi a esmola no seio d'um pobre, e tereis n'ella uma efficaz protectora.

(Phots. Illustr. cath.—J. A.zevedo)

# Maria Magdalena

∞∞

**N**A epocha em que os francezes desembarcam no Canadá, na segunda metade do seculo XVI, a confederação dos iroquezes comprehende seis nações. São terriveis adversarios dos primeiros donos da Nova-França. Quando os apanham escalpelam-nos, queimam-nos vivos, serram-nos entre duas taboas ou picam-nos como carne para recheio. No reinado de Luiz XIV, quando Frontenac era governador geral do Canadá, construiu-se para deter as incursões d'esses selvagens, de capacetes de plumas e com o rosto pintado de traços multicores, fortins isolados, designados, em geral, pelo nome dos officiaes que os commandavam. E' assim que, em 1696, a bandeira com as trez flôres de lys é desfraldada no forte de Verchères, situado a oito leguas de Montreal e distante trez do forte mais proximo.

Na segunda quinzena do mez de outubro d'esse anno, o commandante acha-se em Quebec e sua mulher, M.<sup>me</sup> de Verchères, visita Montreal. Deixam no forte, sob a vigilância do creado La Violette, uma filhita, Maria Magdalena, de quatorze annos. A guarnição do forte é, habitualmente, de quarenta homens, mas n'essa occasião apenas alli existem dois soldados: La Bouté e Gallet.

A 22 de outubro, a pequena, sem desconfiança, vae, em companhia de algumas mulheres, estender roupa no campo. De repente, vê remexer a herva. Algumas cabeças hediondas afastam as estevas e resoam tiros. Uma voz grita:

—Fuja, menina, fuja! Veem ahi os iroquezes!

A pobre Magdalena, gelada de terror, volta-se e deparam-se-lhe uns cincoenta indios, armados de espingardas e dirigindo-se para ella de facas nos dentes, dando grandes e silenciosos saltos. Foge para o forte a toda a pressa e enquanto corre, brada ás armas. As balas assobiam-lhe aos ouvidos. Vê cahir trez das suas companheiras. Pára á porta do fortim.

## Garraiada do "Vianna Taurino Club,,



Grupo de gentis senhoras que presidiram á garraiada official do "Vianna Taurino Club" realizada no dia 22 de agosto passado em beneficio da Benemerita Delegação da Cruz Vermelha em Vianna do Castello.

(Da esquerda para a direita) Ex.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup> D. Maria Ernesta Fernandes Dias, D. Marianna Guilhermina Alvares Pereira e Lima, D. Maria Helena Pimenta da Gama Mimoso de Barras Alpoim, D. Maria Rita Vianna Pereira Caldas, e D. Maria Emilia Maciel da Costa



Com mão firme, pega na chave do postigo, deixa entrar as mulheres que podem salvar-se e, quando a ultima entra corre todos os ferrolhos. Dos dois homens da guarnição, um deita-se na cama esperando estoicamente a morte: o outro brande um morrão accêso e prepara-se para fazer saltar o paiol. Magdalena ordena-lhe que apague o morrão, tira-lhe o chapéu que põe na cabeça, agarra n'uma espingarda e faz ás tropas uma pequena allocação.

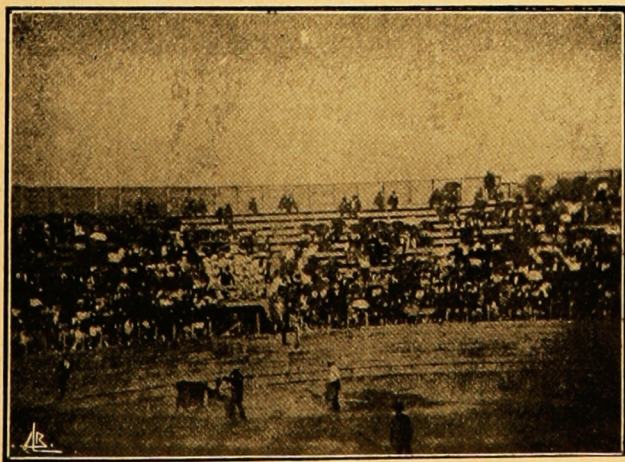
—Luctemos até á morte pela patria e pela religião.

Descompõe os dois soldados, conforta-os, envergonha-os. Leva-os ás muralhas, empurra-os para cada uma das séleiras para fingir que são muitos; carrega ella propria uma peça de artilharia e larga-lhe fogo: impõe silencio ás mulheres que berram e se lastimam.

—Caluda!—diz—Que imprudentes! Assim com esses gritos os iroquezes são capazes de imaginar que a fortaleza está sem recursos e a guarnição sem esperança.

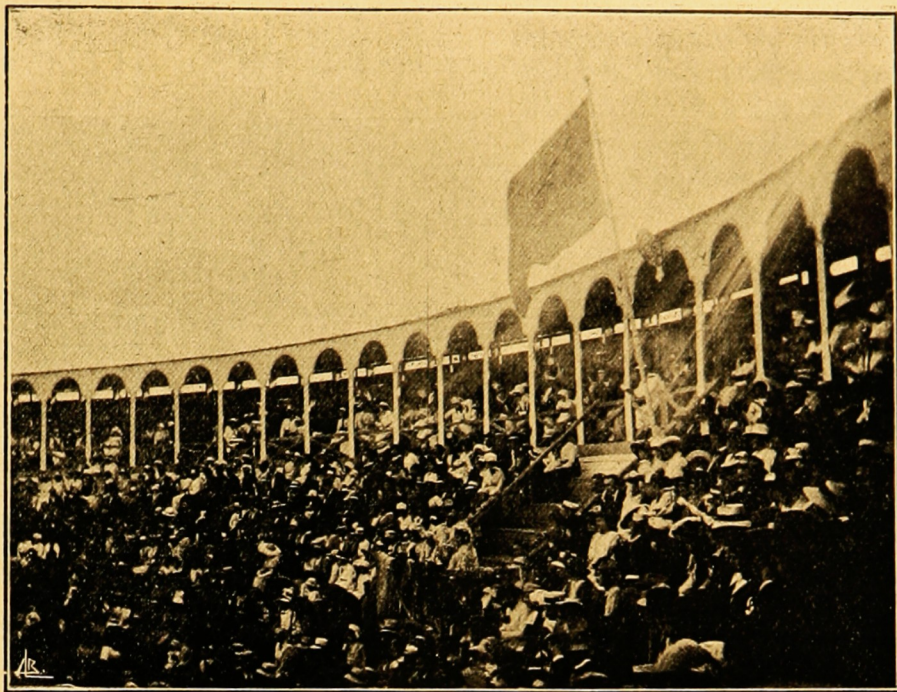
\*

Avista a alguma distancia, no campo, um francez retardado, Pierre Fontaine, que, com grande perigo, se esforça, com a mulher e os filhos, por alcançar o fortim, ordena uma sortida, os selvagens, encontram-se a pequena distancia, acorados, prestes a precipitarem-se. E' preciso socorrer esses compatriotas. O silencio da guarnição evidencia que Magdalena não será escutada. Sem perder um instante em recriminações, ordenou ao creado La Violette que se poste de sentinella á entrada do forte, recommendando, que se a matam, feche a porta e que continuem a defender-se. Sem olhar para traz, de chapéu de soldado na cabeça, com pe-



O sr. Daniel Camacho espetando um par de ferros

(Phots. gentilmente cedidas pelo sr. Roberto d'Espregueira Mendes)



Um aspecto da sombra e camarotes, vendo-se ao centro d'aquella a tribuna da presidencia

zado arcabuz na mão, encaminha-se para Pierre Fontaine que, com os seus, aturdido, não ousa nem approximar-se nem fugir. Magdalena empurra-os, anima-os, obriga-os a andar deante d'ella, leva-os, com pasmo dos iroquezes interditos, que, desconfiando de algum ardil, permanecem a boa distancia no matto. De regresso á fortaleza, a rapariguita distribue os postos para a noite, dá instrucções, colloca os dois soldados no reducto, reservando para si o local-mais arriscado. Não poupa as exhortações.

—Se eu sou aprisionada, não se rendam nunca, mesmo quando me esquartejem e queimem á sua vista. Não receiem nada, contanto que combatam.

A defeza organiza-se segundo as instrucções d'essa creança de quatorze annos. O sol morre n'uma tempestade de neve e de geada. Os iroquezes cada vez mais numerosos preparam-se para a escalada a favor da escuridão. Magdalena brada constantemente «Alerta!», afim de simular uma guarnição immensa. Os indios cahem no lôgro. Ao raiar o dia, a esperanza entra no coração de todos. O ar risonho de Magdalena reanima as coragens desfallecidas. Dispara um tiro de peça de hora em hora para manter em respeito os sitiantes e chamar a attenção dos fortes visinhos.

Mas os dias passam e os socorros não chegam. As mulheres murmuram. Ha quem proponha abandonar o forte. E' talvez possivel alcançar ao abrigo das muralhas o rio de S. Lourenço, embarcar e refugiar-se n'algun posto visinho. Magdalena, avisada, reúne a sua gente, e ora:

—Eu cá não deserto, prefiro morrer a entregar o forte aos inimigos, E as consequencias da evacuação? Se os selvagens entram n'uma

praça franceza, julgarão fracas todas as outras e um tal triumpho servirá para augmentar a sua audacia e a sua coragem. Nada. Defenderemos até á morte a bandeira branca.

Esta historia é ainda hoje muito popular no Canadá. Aproveitou-a o escriptor francez Marc de Germiny para o seu bello livro *Une héroïne de quatorze ans: Marie-Magdeleine de Vercheres*.

A resistencia prolonga-se por oito dias. Na noite de 28 para 29 de outubro apparece o tenente de La Moueric com quarenta homens. Encontra Magdalena, que ha uma semana não descansa, deitada em cima de uma mesa, a dormir, mas sem largar o arcabuz.

— Senhor tenente — diz Magdalena para o official — seja bem vindo; entrego-lhe as armas.

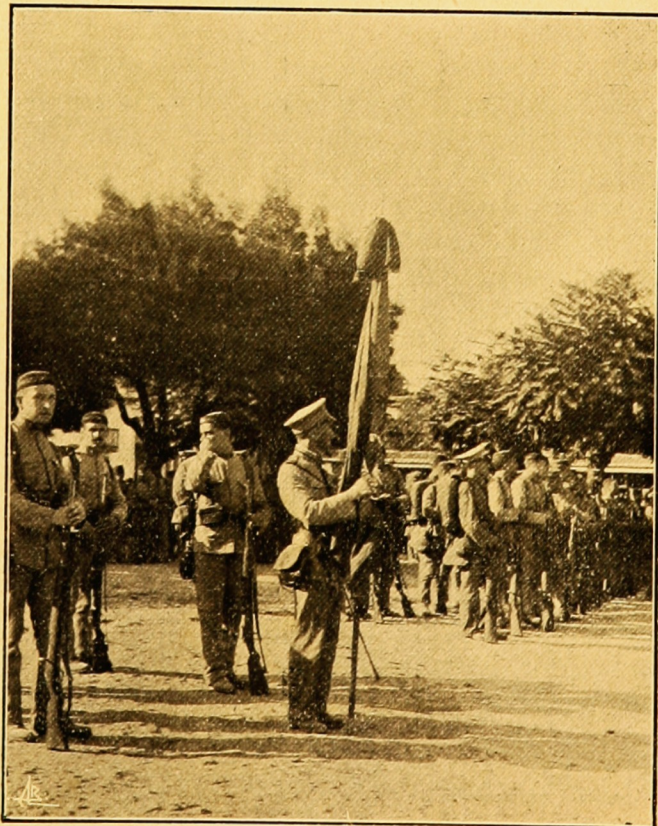
— Mademoiselle — responde o militar em tom galante — estão em muito boas mãos.

— Melhores do que julga — replica com altivez a pequena.

O governo recompensa Magdalena, que se casa mais tarde com M. de La Perade de la Naudiere. Morreu em 1752.

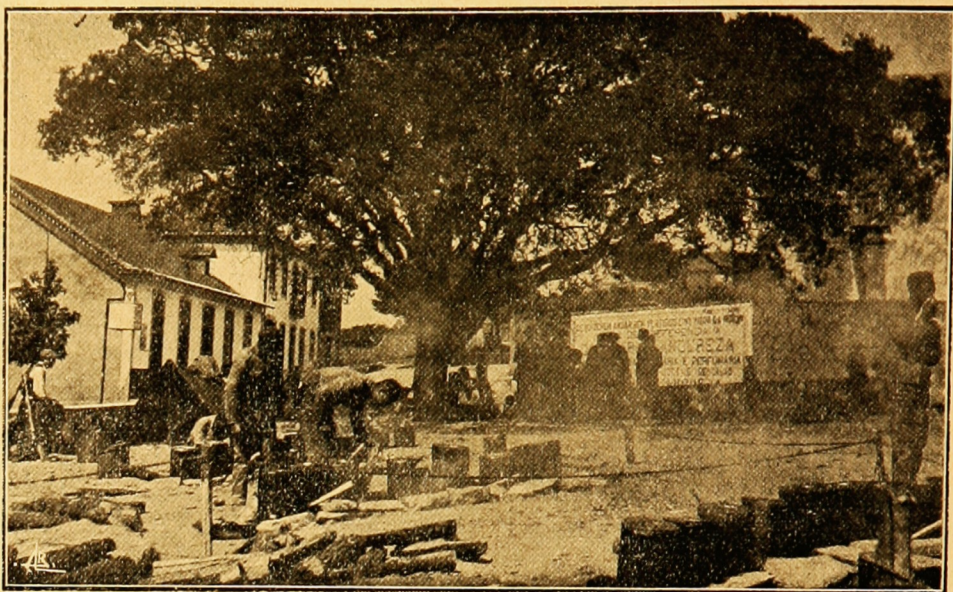
Pelo extracto.

EDUARDO DE NORONHA.



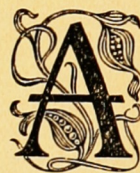
O regimento formado no largo da feira, espera a ordem do commando para partir

# Escolas de repetição



O regimento de infantaria 31, do Porto, bivacando no largo da feira dos 11 em Oliveira d'Azemeis.—Preparando o rancho

## Padre Antonio Vieira



8 de Março de 1646, desembarcava o Padre Antonio Vieira no historico porto da Rochella, baluarte dos calvinistas até que o cardeal Richelieu o tomou, depois d'um assedio de 13 mezes.

O eminente jesuita soffrera trabalhosa viagem, a avaliar *pelos mil perigos* que o Padre Barros aponta. Além d'isso, ainda rugia a grande Guerra dos Trinta Annos, o que fazia pouco seguro o desembarque na fortaleza maior do paiz de Richelieu, do homem de genio que preparou, com formidavel estrategia, o tratado de Westphalia, assignado em 1648.

Segundo o seu biographo, Vieira mal descansou, percorrendo logo os 480 kilometros que vão da Rochella a Paris.

Na capital franceza evidenciou logo os seus meritos de plenipotenciario. A 2 de abril, e com trabalhos espinhosos, seguiu para Ruão, apparecendo em Pas-de-Calais no dia 12 do mesmomez, e embarcando, de 15 para 16, em direcção á Hollanda.

Em Sunkerque correu perigo de vida, ou pelo menos de liberdade, perseguido por corsarios, mas no dia 18 chegou a Haya, capita hollandeza, aonde o levavam interesses sacratissimos da Patria.

O nosso emporio colonial fôra cruelmente dilacerado pelos Paizes Baixos, enquanto a Hespanha nos tragava a sangue, algemandonos os braços e até a lingua.

Não nos consta que o grande Marquez encontrasse Portugal em tamanha angustia, e que por elle soffresse procellas no mar, piratas,

contendas directas com chanceleres ladravazes.

Arreganhou decerto os dentes á Inglaterra e á Hespanha, e foi esse um rasgo seu, digno de independente louvor. . . Mas ficou em Lisboa, mobilizando as tropas, não cruzou oceanos, não se expoz nem a liros nem a tempestades, nem mesmo a dialogos vivos com diplomatas astutos. Ao embaixador hespanhol, que, aliás, o procurou muito dentro de Lisboa, não consta que offerecesse uma argumentação genial e nova, e antes que lhe retruçou apenas com uma phrase, na verdade digna, chocado por uma insolente ameaça. . .

Vão comparando imparcialmente.

\*

Vieira, porém, o que primeiro intentou foi conhecer os verdadeiros sentimentos da Europa quanto ao modesto Portugal restaurado.

A sua acção preliminar foi toda de consciencioso estudo. Até onde podíamos contar com a França, vizinha da Hespanha escandalizada?

Que era licito esperar de Hollanda, regalada com os territorios que nos roubara?

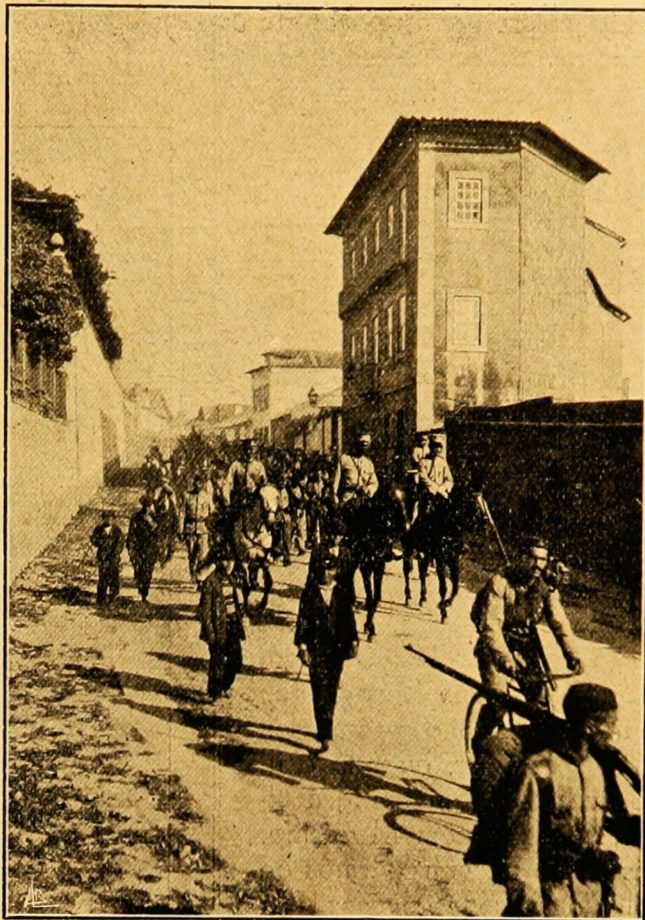
Vieira penetrava perfeitamente a realidade. Que solidez podia ter a nossa autonomia sem a integridade colonial? Até onde podíamos contar com ella, logo que se findasse a Guerra dos Trinta Annos?

A França tinha decerto a hegemonia na Europa. A Guerra dos Trinta Annos estava no seu quarto e ultimo periodo—o chamado *periodo francez*—porque Richelieu humilhara a Casa d'Austria, porque Condée Turenne, tanto como Bernardo de Weimar, resplandecentes de valor militar, iam impellir enfim o imperador Fernando III a ceder aos reformados..... estranha derrota apoiada por uma nação christianissima, pela França de S. Luiz e de Bossuet.

Mas, se a França era tanto, e se d'ella não se podia esperar apoio á Hespanha, minada aliás, pela politica subtil de Richelieu, tanto como por uma rude hostilidade—em 1626, com lucro da Suissa, em 1641, justicando Cing-Mars e Thon só por suspeitos de se entenderem com Madrid—A fleugmatica, mas tenaz, cobiça de Hollanda não menos angustiava a pura alma portugueza do Padre Antonio Vieira.

Calcule-se o soffrimento d'aquelle grande espirito, notando mil obstaculos e perigos, verificando pessoalmente os oscillantes caprichos da politica internacional d'aquelle tempo,

Richelieu morrera. Mas a sua politica, se



O regimento 31 de infantaria em escola de repetição, entra na vila de Oliveira de Azemeis (Phot. Rebello Junior)

nhola, o reconhecimento da sua independencia que só lograram pelo tratado de Westphalia, em 1648.

Mas a propria conversão interna da Hollanda tornava difficil uma obra definitiva a favor dos direitos de Portugal. Quem poderia, enfim, por interesse proprio, por um conflicto já existente de ambições, dar, com a benevolencia da França, a immobildade da Hespanha e a prudencia da Hollanda?

Vieira ponderou decerto tudo isto, vendo depressa a necessidade de interessar a Inglaterra, pouco depois atacada, como a Suecia, por triumphantes forças hollandezas, embora estas, em 1668, fortificassem a *triplice alliança* contra Luis XIV.

Sebastião José nunca se viu em tantos apertos. Os unicos que lhe deram agua pela barba, foram os de manobrar junto do conde de Aranda e do duque de Choiscul, para perseguir os Jesuitas, seus emulos em prestigio.

\*

Vieira veio rapidamente a Portugal. Informou D. João IV lo que estudara, e logo seguiu para a Inglaterra, para a França e para a Hollanda. Nos dias 15, 16 e 17 de Setembro de 1647, padecia elle uma horrivel tempestade no Canal da Mancha. No dia 22, trabalhava em Londres. No dia 30, estava em Douvres d'onde embarcou para Calais, desembarcando logo, apesar de saber que em terra havia a peste.

Gastou 59 dias em tormentosas viagens, tendo de exhibir a cada passo o passaporte até chegar a Paris, onde logo porfiou na sonhada alliança de Portugal com a nação franceza.

Não teve Vieira que medir-se com modestos diplomatas como os que a Hespanha mandou ao Marquez, homens cheios de fanfarronadas e inconveniências.

O eminente Jesuíta teve pela prôa a arte, a estratégia, a viveza, do Cardeal Mazarino. Patriota de genio, só a elle se deveu o fracasso do plano do grande ministro francez que a Portugal pretendia enviar o celebre Principe de Condé, para fazer do nosso paiz um protectorado da França.

Este golpe deu-lhe logo credito e prestigio, mas os proprios compatriotas, os proprios auxiliares, em Paris lhe difficultavam, por isso mesmo, a sua missão gloriosa e agra.

Não faltaram as censuras. Oralmente, e em varios escriptos, foi divulgado na Europa que o Padre Vieira fazia a Mazarino promessas que Portugal não podia cumprir, quando o illustre Portuguez e Jesuíta, conquistando a alliança com a França, se batia com Mazarino, furtando-se ao compromisso de entregarmos ao nosso novo alliado algumas praças nossas!

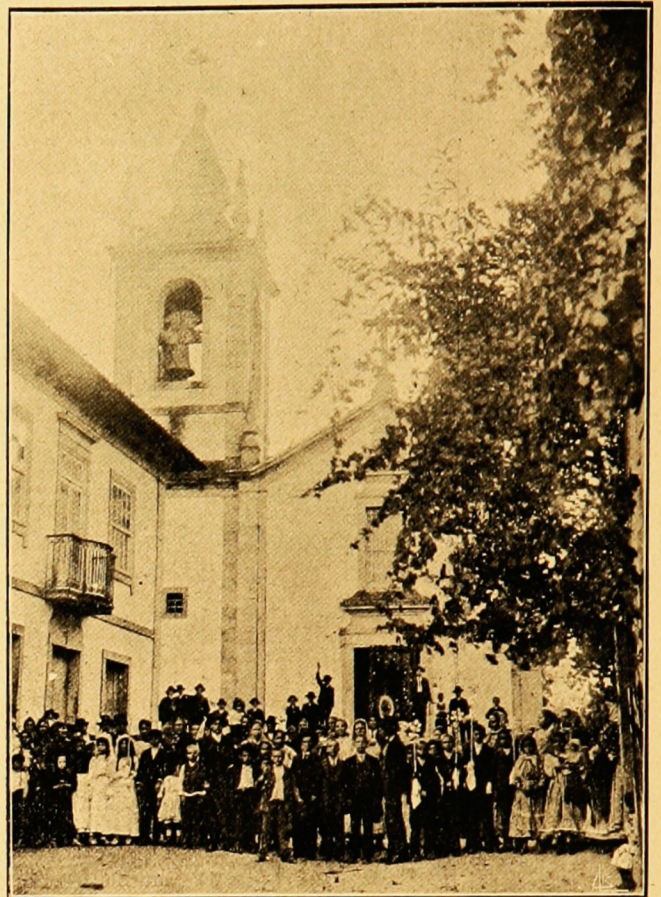
E não tardou que D. João IV recebesse carta d'elle, da Hollanda, para onde seguiu a 11 de Dezembro, chegando a Haya no dia 13.

Estão vendo se o enorme Marquez de Pomal alguma vez arcou com tão grandes politicos, tratou de tão difficeis empresas, e desenvolveu uma sombra que fôsse de tanta actividade e intelligencia.

\*

Na Hollanda, Vieira fez prodigios estupendos em prol dos interesses de Portugal. Vendo claramente a guerra da Restauração, de lá acudiu logo á penuria de Portugal com 50:000

## Festa do Sagrado Coração em Frossos



*A igreja parochial — A concorrença*

Com excepcional brilhantismo religioso e sem uma discordante nota profana, realisou-se recentemente em Frossos um friduo ao Sagrado Coração, prégado pelo R. Padre Manuel das Chagas. No ultimo dia, primeiro domingo de Outubro, realisou-se a festa da conclusão, e n'esse dia um bem preparado grupo de creanças abeirou-se pela primeira vez da mesa excharistica.



*As creanças que fizeram a primeira comunhão — Ao centro o Rev. Parocho*

(Photos, Illustr. Cath. — João O. Guimarães)

cruzados de munições de guerra, transportadas nas 3 fragatas que rapidamente fez construir nos estaleiros hollandezes.

E no mais, tão escabroso, houve-se por forma, que D. João IV o nomeou para o logar de plenipotenciario em Haya, logar que então era occupado por Francisco de Souza Continho.

Isto é immenso. Sem a sua obra, a Revolução de 1640 desfecharia n'um desastre sangrento.

Comtudo, Vieira achava pouco o que esmagaria decerto a mentalidade do grande Marquez, se em taes apuros se tivesse visto.

Estando na Hollanda para tratar de politica, o eminente

Jesuita tinha tempo e cérebro para defender o catholicismo!

Sahiu a campo, vigorosamente, contra os protestantes. Em Amsterdam, discutiu com eloquencia contra argumentadores judeus que se renderam ao seu verbo triumphal.

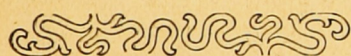
A breve trecho, a Hollanda, admirando muito o diplomata, assombrava-se com a energia, o saber e o genio do apostolo, e o nome de Portugal assim se levantara tanto, que a Europa sentiu uma enorme sympathia pelo paiz restaurado.

Não consta que o Marquez de Pombal nunna operasse a decima parte de trabalho tão complexo, puro e luminoso...

JOSÉ AGOSTINHO.



Os paes de familia que toleram, especialmente a suas filhas, a indistincta leitura de toda a qualidade de romances, fazem o mesmo que, se vendo-lhes na mão a faça de venenolh'a não arrebatassem, mas com un a criminosa indiferença os deixassem envenenar.



Os noivos e os convidados (Phot. Ill. Cathol.— J. O. Guimarães) mo copo de agua.

# Um casamento elegante



Realisou-se em Caldellas o casamento religioso da snr.<sup>a</sup> D. Virgilia Raupp Martins, filha do snr. Bento Manuel Martins, de Caldellas, com o snr. Dr. Bernardo Ferreira, do Pico de Regalados.

Houve em seguida ao enlace matrimonial missa celebrada pelo tio do noivo e benção do Santissimo.

Depois da cerimonia realisou-se um lauto almoço no Grande Hotel da Bella Vista, em Caldellas.

Assistiram as familias dos noivos e alguns convidados, pessoas de intimidade, das duas familias.

Ao champagne trocaram-se entusiasticos brindes.

Entre elles destacaremos o do snr. Dr. Alberto Diniz de Fonseca, que, por especial deferencia, podemos publicar aqui:

E' Virgilia o teu nome, e ao ouvi-lo eu lembro  
Por esta manhã clara de setembro  
Uma ecloga de amor e de poesia.  
Raiou a aurora, despontou o dia  
Em que sob este scenario montezino  
Tal como nos bons tempos dos idyllios.

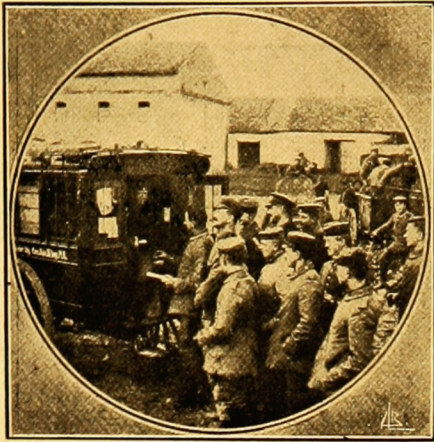
E autos pastoris,

Emquanto a natureza entoa um hymno  
De paz, de amor, de alegre claridade,  
Tu, serrana gentil, baixando os ciliros,  
De pejo e do rubor de felicidade  
Vaes ajuntar-te ao teu zagal feliz!

Que Deus vos fade em bem, e que a  
ventura  
D'este dia, se mantenha sempre pura,  
Sem se extinguir e sem que a escureça  
O minimo desgosto  
Que o sol do amor vos doire e vos  
aqueça  
Com o color d'um abrazado agosto!  
Que nunca haja para elle sol posto!...

Em seguida ao almoço, os noivos e os convidados vieram de carro até casa dos paes do noivo, no Pico de Regalados onde foi servido um finissimo

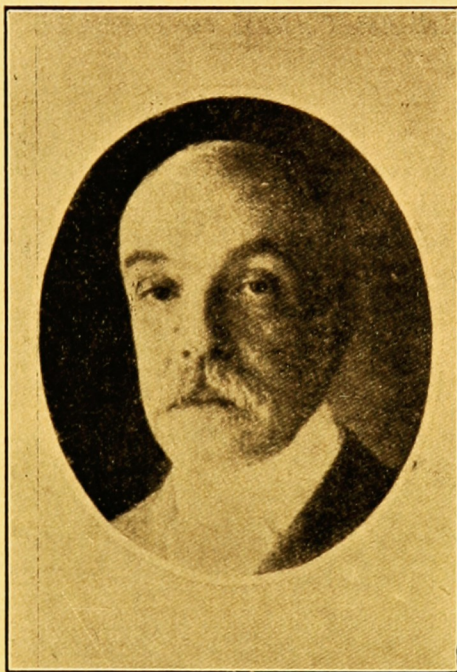
# A Guerra Europeia



*N'uma povoação occupada. Soldados junto do auto de provisões*



*Artilharia dirigindo-se á linha de fogo*



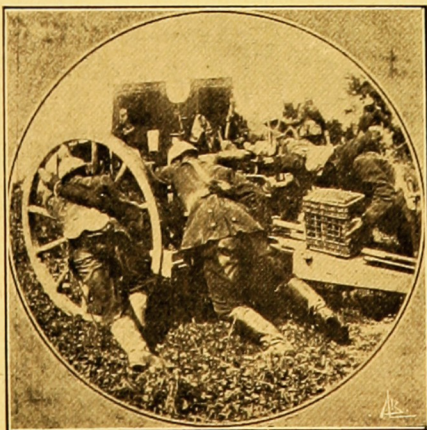
*O Dr. Dumba, embaixador de Austria-Hungria nos Estados Unidos expulso d'este paiz*



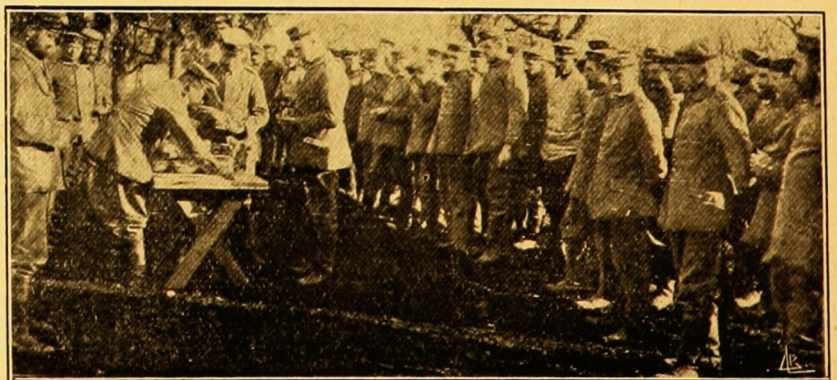
*Bateria allemã de grosso calibre*



*Jantar servido n'um bosque, na fronteira russo-prussiana*



*Artilheiros pondo um canhão em pontaria*



*Distribuição de tabaco ás tropas*

(Phots. Hækel e Hoffmann).

NO OCASO DA VIDA!

(A Americo L. Souza Braga)

Desvia! (diz a razão ao sentimento)  
 Não vês a onda macabra da vida,  
 Que traz mórte, martyrio, soffrimento,  
 No fulgôr da escuma enfebrecida!?

Vem a procella; inda tens um momento...  
 Em meu peito tens, oh! alma enfurecida,  
 Um preventivo do mal que, muito lento,  
 Te tornará para sempre descrida!

Veio a vâga e allrahiu-me, mentirosa,  
 Para o oceano profundo e immenso,  
 E em suas aguas turvas, me embrenhei.

Pensava achar a pérola formosa  
 —A Crença—mas, volvendo, só encontrei  
 Maior que o mar, meu pezar immenso!...

PENSANDO . . .

(A Emilio L. Allão Veiga de Macêdo)

Não pôde haver na vida igual tortura,  
 Mais duro dissabor,  
 Do que o da desditósa creatura,  
 Que soffre sem amor!

E, porque n'essa atróz cogitação  
 Sinto todo o martyrio;  
 Do amor que me deixou o coração  
 Como um fanádo lirio?

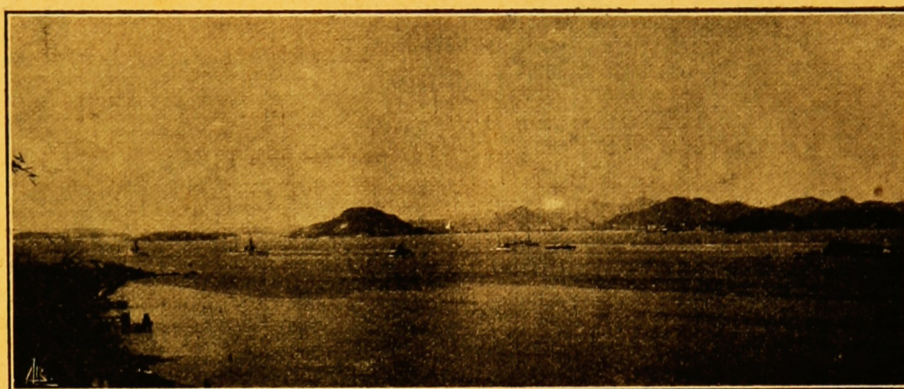
E' que, quando a alma vê na desventura  
 Surgir-lhe a acerba dôr  
 Inda encontra um prazer, uma ventura,  
 Em pensando no Amor!..

Porto, Maio de 1915.

ARANTES PEREIRA.

## Charada Balkanica

**D**EIXEMOS os francezes entregues ao seu triumpho. Não são positivamente os vinte e cinco kilometros alcançados, que vão decidir o pleito sangrento. Se bem que os francezes foram admiraveis de heroismo e de bravura, estrategicamente o facto tem pouco valor. Vale e muito, como estimulo poderoso, para esse exercito desalentado já, pela vida aspera de dilatados mezes de soterra e é assim, que o estado maior, muito habilmente, se aproveita do facto. Os allemães parece que se vão fixar na Russia, e logo operarem um desvio de forças para a desforra occidental, mas as atfensões convergem, para os Balkans. A mobilisação bulgara, que constitue o maior triumpho da diplomacia allemã, vem trazer um novo aspecto ao problema; novo e complicado.



RIO DE JANEIRO—Bahia Guanabara—Fundeadouro dos navios de guerra

E' difficil conjecturar n'este momento incerto, mesmo porque o inesperado, o surprehendente são ainda tudo quanto existe de razoavel n'esta guerra. Se Fernando I se limita a consentir que os imperios centraes possam abastecer a Turquia pelas linhas bulgaras, o conflicto balkanico circumscrever-se-ha de momento, a invectivas da imprensa e retalliações protocollares, porque a Romania, que não tem tratados com a Servia, que não tem compromissos com os alliados, e, que pelo seu territorio tem consentido o transito d'armas e munições, não terá razão immediata para intervir.

Vão mais longe as pressões de Berlim? Parece que sim.

O gabinete de Sofia deixa transparecer os seus propositos.

Reconhecendo, que o exercito bulgaro não poderia defrontar-se, com exilo, com os imperios centraes, affirma que não sacrificará inutilmente o seu povo. Ora isto era logico, era politico, tratando-se simplesmente de transportes de material de guerra. O Tsar da Bulgaria seria menos heroe, que Alberto da Belgica mas seria mais politico. A Bulgaria não soffreria as calamidades, os horrores, da Belgica desventurada. Fernando I apesar da sua costella latina, seria menos *panache* que o grande Rei soldado, mas teria evitado ao seu povo, inuteis sacrificios.



Relellafor



Mas a acção bulgara visa outro objectivo e o gesto bellico do sonhador d'Andrinopolis, tem outra finalidade politica. De novo, o grande e maravilhoso sonho da hegemonia balkanica, deslumbra a sua visão e é por isso talvez, mais do que pela diplomacia britanica, que os Balkans se vão lançar de novo, na guerra. O que é certo e convem esclarecer, é que a Bulgaria joga uma perigosissima cartada mas que perante os seus interesses não tinha outro caminho a seguir. Por mais deslumbradoras promessas que fizesse a Inglaterra não poderia satisfazer plenamente as suas aspirações e só n'um momento excepcional como este, a Allemanha e a Austria as poderiam effectivar.

Fernando I, digam o que disserem, viu a situação.

Dado mesmo o triumpho final dos alliados, as pretensões bulgaras iriam d'encontro aos interesses servios e a Turquia, não ficaria tambem em tal estado de fraqueza, que deixasse talhar á larga, em seus territorios, o bolo compensador. Só com o triumpho d'Allemanha poderá triumphar. Contra ella pouco ou nada poderia ganhar. Ao seu lado, facilitando-lhe a defeza dos Turcos e permittindo-lhe distrahir as forças que tem concentradas no Danubio, para forçar o caminho de Constantinopla, o seu triumpho é completo. Claro está que para isto, é necessa-

rio que a Allemanha triumphe e isso é ainda muito problematico, muito incerto . . . Fernando I vae jogar a mais perigosa cartada da sua vida. O fracasso bulgaro, póde não importar a perda do paiz, mas custará inevitavelmente, a cabeça do Rei.

Emquanto a Romania reservada e prudente esfrega as mãos, a feira balkanica vae reabrir com todos os seus horrores ou suas ambições, os seus odios perversos e maus e como só de surpresas vivemos, não seria d'extranhar, vêr ahi qualquer dia, a Bulgaria e a Romania, de mãos dadas, prepararem-se para repartirem entre si, o grande bolo dos Balkans. Este é o conceito. Animo, argutos decifreadores...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



Os pensamentos moraes destacados são como os raios de luz, que fatigam menos dispersos, que quando são apresentados em globo; são como os grãos levados pelo vento, que onde menos se presume vão germinar e florir; são como balizas collocadas na estrada da vida, para nos não perdermos n'ella.

Um bello pensamento perde todo o seu valor, se elle é mal exprimido; e nos enoja, se é repetido.



Grupo de acquistas do Grande Hotel de S. Vicente, nas themas de S. Vicente, (Entre-os-Rios), destacando-se ao centro a illustre dama portuense Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria Flavio Silvestri — que faz a alegria dos salões, gentil filha do celebre e laureado pintor italiano snr. Silvestro Silvestri, residente na cidade do Porto

# Anecdotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos



**C**ATÃO encerrara-se na cidade de Uti-  
ca para onde marchava Cezar, o  
que fez dizer aquelle: — Pois que,  
Cezar trata-nos então como homens?

Offerecendo-se um parente de Cezar, a in-  
terceder por Catão, este respondeu:

—Se eu quizesse dever-lhe a vida, ia eu  
mesmo sósinho procura-lo; mas nada quero re-  
ceber d'um tyranno.

Tomou banho, ceou em numerosa compa-  
nhia com quem discutiu que só o homem de  
bem é livre e os maus são escravos, deitou-se  
e leu na cama o dialogo de Platão sobre a im-  
mortalidade da alma. Interrompeu-se no fim de  
algumas paginas, pegou na espada, examinou-  
lhe a ponta.

—Agora sou senhor de mim.

E vibrou um golpe ao peito.

Quando Cezar soube que Catão acabava  
de expirar, disse:

—O' Catão, invejaste-me a gloria de te sal-  
var a vida!

Catão e a republica romana acabam juntos,  
a morte d'um conclue dignamente o funeral da  
outra.

### Cezar e o pescador

Uma noite tempestuosa, Cezar bateu á por-  
ta da cabana do pescador Amiclas. E conta o  
poeta Lucano que apezar de Cezar bater com  
mais força nem por isso o pescador se ergueu  
da cama mais apressado que de costume. Ce-  
zar, irado, interrogou Amiclas, quando este  
abriu a porta:

—Não tremes de não acudir immediatamen-  
te á minha voz?

-- De nada tenho medo porque sou pobre!

### O rei philosopho

Alexandre, o Grande, ordenou ao seu the-  
soureiro que entregasse ao philosopho Anaxar-  
co quanto elle pedisse. Este pediu cem talentos,  
e o thesoureiro correu a informar Alexandre,  
que lhe disse:

—Fez muito bem em pedir assim, pois sa-  
be que tem um amigo poderoso e injuriaria a  
minha grandeza se a supozesse capaz de menos.

### O cheiro do dinheiro

O imperador Vespasiano lançara um im-  
posto sobre as urinas, o que mereceu reparos  
de seu filho, chegando a dizer que cheirava  
mal. Quando recebeu o dinheiro do imposto,  
o imperador deu-o a cheirar ao filho, pergun-  
tando-lhe:

—Parece-te que cheira mal este dinheiro?

### Quem é innocente?

Lendo o imperador Juliano a vida de al-  
guns reis, que condemnaram á morte muitos  
vassallos por a mais leve e improvada accusa-  
ção, commentou:

Se o ser accusado é bastante para ser cri-  
minoso, quem se achará innocente?

### Lisonjeiro desmascarado

Aristobulo fez um livro em que exagerava  
extraordinariamente as acções de Alexandre  
Magno. O grande conquistador mandou deitar  
ao rio Hydaspe o livro e disse ao lisonjeiro:

—Faço ao livro o que te devião fazer, pois  
vejo seres capaz de dizer que com um só golpe  
matei cem elephantes.

### Vingança de Pithagoras

Pithagoras deu uma filha em casamento a  
um seu inimigo. A's muitas exprobações que  
todos lhe fizeram, respondeu o sabio:

—Não lhe podia fazer maior damno, nem  
d'elle tirar maior vingança que dando-lhe a  
peior coisa que tinha em casa. Ella, como mu-  
lher, saberá ganhar-lhe o coração e tyrannisar-  
lhe a vida.

\*\*\*

A amizade é uma alma melida em dois cor-  
pos.—*Diogenes.*

Entre os amigos tudo deve ser commum.—  
*Terencio.*

TITO FLAVIO.

